

3. CAPÍTULO II - ONTOLOGIA, METAFÍSICA E HISTORICIDADE

3.1. Abordagem ontológica e crítica à metafísica

Benedito Nunes afirma: “A filosofia teve o seu ato de nascimento, que a ligaria para sempre à cultura e à língua gregas, quando se perguntou pela primeira vez o que é o ente (*tí to ón*).”³⁰ É por isso que Heidegger em *Que é isto – a filosofia?* nos explica que a pergunta “que é isto?” (do grego, *ti estín?*) é uma forma de questionar desenvolvida por Sócrates, Platão e Aristóteles, e “aquilo que o ‘que’ significa se designa como *quid es, tó quid: a quidditas, a quiddidade*”.³¹ Isto quer dizer que a pergunta “que é isto?” refere-se à quiddidade de uma coisa, aquilo que constitui a sua natureza mais própria, ou seja, a sua essência, o que nos garante perceber que estamos tratando de uma questão que tem seus fundamentos nos postulados metafísicos.

De um modo geral, “essência” é o que faz com que uma coisa seja aquilo que é, independentemente dos seus acidentes, ou seja, das modificações que a atingem superficialmente ou temporariamente. Neste caso, a essência se opõe à existência³² (embora Heidegger dará outro rumo para tal discussão)³³. Trata-se da natureza interna ou princípio e está relacionada intimamente à constituição do ser. O problema da essência, como sabemos, é o cerne da própria prática filosófica.

³⁰ NUNES, Benedito. *Passagem para o poético: filosofia e poesia em Heidegger*. p. 217.

³¹ HEIDEGGER, Martin. *Que é isto – a filosofia?* p. 15.

³² A palavra latina *essentia* invariavelmente contrasta com *existentia*: elas referem-se respectivamente ao ser-o-que e ao ser-como de algo.

³³ Em Heidegger, a essência é a existência. Cf. “A essência da pre-sença está fundada em sua existência. Para que possa ser uma constituição essencial da pre-sença, o ‘eu’ deve ser interpretado existencialmente.” (*Ser e tempo*, Vol. 01, p. 168).

E, sem dúvida, foi a interrogação pela essência que possibilitou o surgimento da filosofia como metafísica, fato iniciado a partir dos diálogos platônicos e que teve o seu ápice em Aristóteles, quando este denominou o conjunto de problematizações em torno do Ser de “filosofia primeira”. Os pré-socráticos não haviam em seu tempo formulado a mesma espécie de interrogação, tendo os mesmos se destacado como os descobridores jônicos do cosmos, tornando-se os investigadores legítimos da *physis* (os *physiológoi*).

Através da observação e da exploração de determinados fenômenos, eles buscavam refletir acerca da origem (*arkhé*) do mundo e do seu movimento. Ao agirem assim, estavam entrando intrinsecamente no problema ontológico que se prolongou nas épocas posteriores.

Vale lembrar para esta questão que o significado da palavra grega *physis* não possui nenhuma relação com a moderna concepção de física. Werner Jaeger discute que o interesse da *physis* encontra-se muito mais associado ao que em “nossa linguagem corrente denominamos de metafísica”³⁴. Isto nos possibilita perceber que, de acordo com Jaeger, os pensadores naturalistas ao se preocuparem com o problema da origem tomavam a palavra *physis* em seu sentido originário, ou seja, enquanto nascimento, causa primeira.³⁵

No seu escrito intitulado *Introdução à metafísica (Einführung in die metaphysik)*, de 1935, Heidegger apresenta uma reflexão importante quanto à compreensão do significado da *physis*. Ele diz que os gregos denominavam o ente de *physis* cuja tradução latina significa “natura, nascer, nascimento”, o que simboliza uma distorção do seu conteúdo originário. *Physis* (lexicalmente, “*phyein*”, ou seja, crescer, fazer crescer) nos esclarece Heidegger, é “o desabrochar, que se abre, o que nesse

³⁴ JAEGER, Werner. *Paidéia: a formação do homem grego*. p. 196.

³⁵ Na *Paidéia* Jaeger discute que era ao problema da origem que se subordinavam o conhecimento e a observação física. Não há dúvida que foi deste movimento que surgiu a ciência racional da natureza, porém, no começo, a mesma encontrava-se envolta em especulação metafísica, e só gradualmente, foi se libertando dela.

despregar-se se manifesta e nele se retém e permanece”³⁶; é, em outras palavras, “o vigor dominante daquilo que brota, e permanece,”³⁷ o próprio Ser.

E indo ao encontro do que afirmou Jaeger, ele ressalta: “Todavia essa restrição da *physis* na direção do ‘físico’ não se deu do modo que hoje imaginamos”³⁸, uma vez que “ao físico, opomos o ‘psíquico, o anímico, o vivente e, tudo isso, mesmo para os gregos posteriores, ainda pertencia à *physis*”.³⁹ A metafísica, porém, acabou por promover a essencialização da *physis* e do *Logos*, convertendo-os em “idéia” e “enunciado”, respectivamente.

Tales de Mileto (séc. VII a séc. VI) foi um dos primeiros a se deparar com a necessidade da busca pelo fundamento de todas as coisas. “De que tudo é feito?” é uma pergunta que soa aos nossos ouvidos como um grande convite para “demorarmos na filosofia” como sugere Heidegger.

Ao espantar-se com o mundo em sua realidade e admirar-se com a sua dinâmica, os primeiros gregos elegeram para si a tarefa de ir em busca de respostas e fez da questão do ser o ponto-chave do seu pensamento. E é justamente no território desse pensar originário que Heidegger fixa a sua atenção, atendo-se especialmente às reflexões de Heráclito e Parmênides.

Em *Que é isto – a filosofia?* Heidegger ressalta que a já citada forma de questionar desenvolvida por Sócrates⁴⁰, Platão e Aristóteles (por exemplo, quando estes se perguntam “que é isto – a natureza?”, “que é isto – o movimento?”, “que é isto o belo?”), na busca da formulação daquilo que os mesmos entendiam equivocadamente corresponder-se ao

³⁶ HEIDEGGER, Martin. *Introdução à metafísica*. p. 44

³⁷ *Ibidem*.

³⁸ *Ibidem.*, p. 46

³⁹ *Ibidem*.

⁴⁰ Temos em Sócrates o exemplo de um filósofo que insistiu na tese de que a pergunta é o que move o filosofar. O seu método consiste em fazer perguntas, desenvolvendo assim as opiniões originais dos interlocutores – ironia e maiêutica – sendo que isto configurou-se como uma técnica refutativa. Muitos dos diálogos de Platão reproduzem esta técnica como forma de se chegar à definição de determinados conceitos. Porém, Heidegger ressalta que tal atitude, ao invés de revelar o ser, acaba por causar o seu esquecimento, deixando-o oculto.

Logos, se estendeu para outras épocas seguido por diferentes maneiras de explicação no que diz respeito à sua essência, desdobrada em *ratio*, como o que se pensa a partir das idéias.⁴¹

Isto quer dizer que com estas perguntas “não se procura apenas uma delimitação mais exata do que é natureza, movimento, beleza”⁴², sendo necessário ater-se à maneira pela qual cada filósofo, em seu devido sistema de conhecimento, concebe a idéia.

Recorda-nos Heidegger que:

O modo em que Platão pensa a idéia é distinto daquele em que Santo Agostinho apreende a idéia. Descartes, Leibniz, Hume, Kant, Hegel, Nietzsche e a moderna consciência do mundo pensam a idéia, cada um à sua maneira. Nessa diversidade, contudo, pensa-se o mesmo. Na moderna consciência de mundo que nós, consciente ou inconscientemente, comportamos e cumprimos, estão presentes tanto toda história das idéias e sua transformação quanto a história do *Logos* e de sua transformação. Só quando representamos historiograficamente a história das idéias e do *Logos* é que nomes como Platão, Agostinho, Descartes, Leibniz, Kant e outros soam como simples nomes passados, aos quais ainda nos atemos e dependuramos, enquanto passado. Mas, se não pensarmos o passado historiograficamente e sim naquilo que é, então o que pensaram Platão e os pensadores que lhe seguiram torna-se imediatamente atual, e não indiferentemente atual. Torna-se o que na hodierna história mundial é o destino que se envia de maneira velada.⁴³

Notamos que Heidegger menciona que o *ti* (o “que”) da pergunta *ti estin?* significa precisamente a *idéa*; o *quid* é a *idéa*. Porém, expressa de diversos modos. A *idéa* ou *eidos*, do grego, corresponde ao vocábulo “idéia”. Antes de Platão, esses dois termos eram empregados sobretudo para designar a forma visível das coisas, a forma exterior e a figura que se capta com o olhar, aquilo que é visto, que é sensível. Com a metafísica

⁴¹ É importante mencionar que o desdobramento de *Logos* do enunciado para a razão que corresponde à transformação da essência das idéias, advém de uma determinação da lógica tradicional.

⁴² HEIDEGGER, Martin. *Que é isto – a filosofia?* p. 15.

⁴³ HEIDEGGER, Martin. *Heráclito*. p. 285-286.

platônica passaram a ser concebidos como forma interior, a natureza específica da coisa, ou seja, a sua essência.

Em Platão temos a afirmação de que o mundo das essências ou das idéias é o mundo do Ser e, sendo una, eterna e imutável, a idéia se difere de todas as outras devido ao conjunto de suas propriedades internas que faz com que ela seja uma essência determinada e separada do mundo das coisas sensíveis. Para esse filósofo, a idéia constitui o objeto do pensamento, para o qual o pensamento está voltado de maneira pura.

Aristóteles, por sua vez, concebe a essência (o *quid*, a *idea*) como algo realmente fundamental às coisas sensíveis, sendo que podemos analisá-la do ponto de vista do passado, “o que era ser” (*to ti em einai*), ou seja, o que uma coisa foi, ou era, antes de ter sido atualizada. Aqui o que se evidencia não é o abandono do mundo sensível, mas, ao contrário, o conhecimento da essência do que nele existe, ou seja, a sua *ousía*.⁴⁴

A propósito, Aristóteles é o responsável por grande parte das interpretações do pensamento pré-socrático e a ele imprimiu um grande valor. “Assim em Aristóteles ainda ressoa o conhecimento desse sentido originário, quando fala dos fundamentos do ente como tal”⁴⁵; é o que explica Heidegger nas páginas de *Introdução à metafísica*, obra pertencente ao período de transição entre o I e o II Heidegger⁴⁶ e que por isso mesmo ainda traz um certo otimismo com relação à metafísica.

⁴⁴ Ao definir a sua “filosofia primeira”, Aristóteles afirmou que ela estuda o ser das coisas (entendido como substância), a *ousía*. A palavra *ousía* é o feminino do particípio presente do verbo Ser, isto é, do verbo *einai*. Em português, *ousía* é traduzida por “essência”, porque vem da palavra latina *essentia*. Aristóteles não estuda esta ou aquela coisa, este ou aquele ente, mas busca aquilo que faz de um ente ou de uma coisa, um ser.

⁴⁵ HEIDEGGER, Martin. *Introdução à metafísica*. p. 46.

⁴⁶ Apesar de muitos estudiosos mencionarem acerca da existência de um Heidegger I e um Heidegger II (um pertencente à fase de *Ser e tempo* e outro posterior à sua publicação), há algumas contestações quando a este fato, inclusive por parte do próprio Heidegger. O projeto que se apresenta em toda a sua obra contém diversos momentos e diferentes estratégias. Sem dúvida, *Ser e tempo*, de 1927, é o marco inicial desse projeto, sendo que as questões da técnica e da linguagem que se sobressaem após a publicação de *Ser e tempo* surgem exatamente a partir do que foi problematizado acerca do ser neste seu tratado capital. “Não há, a meu ver, um ‘Heidegger I’ e um ‘Heidegger II’, nem um ‘último Heidegger’, de que falam alguns estudiosos como se houvesse oposições em seus escritos ou uma ruptura em seu pensamento. O que há é um Pensar que pensa o pensado, e o não-pensado ainda, e busca sempre pensar o Ser mesmo em sua origem”. (Maria do Carmo Tavares de Miranda, in.: “O pensamento de Heidegger: sua importância na filosofia atual”, texto introdutório à edição brasileira de *Da experiência do pensar*, 1968).

Porém, a atitude filosófica de Aristóteles, igualmente à de Platão, comprometeu-se demasiadamente com a razão lógica, circunscrita a uma visão calculativa, distanciada do ser e que somente mais tarde Heidegger a denunciaria.

Devido a essa razão lógica, o entendimento de ‘idéia’ atingiu a linguagem moderna enquanto significado de um conceito, um pensamento, uma representação mental, enfim, algo que nos transporta ao plano psicológico e noológico, que se coloca como aquilo que conceitua o ser, que dá diferentes explicações sobre ele.

Na apresentação da segunda edição brasileira de *Introdução à metafísica*, encontramos um comentário de Emmanuel Carneiro Leão acerca dos diferentes modos de explicação do ser que se imperaram ao longo da história da filosofia ocidental. E, sendo assim, faz-se necessário destacar o seguinte aspecto:

Nos diversos períodos da metafísica o ser do ente foi determinado ora como *idea*, ora como *ousia*, ora como *essentia*, ora como objetividade, etc... Essas várias determinações não são arbitrariedades insignificantes, devidas ao gosto extravagante, que, no parecer do bom senso comum, têm os filósofos de divergirem sempre entre si em sua “*verbal superstition*”, em suas “discussões inúteis sobre palavras”. São uma diversidade, que resulta das vicissitudes de um apelo. Articulam as peripécias de um destino vigente que instauram originariamente o acontecer histórico e por isso são Históricos em sentido criador.⁴⁷

Ao tratar desta questão e das demais expostas anteriormente, estamos mais do que nunca compenetrados no horizonte da metafísica. Como afirma Heidegger: “metafísica é o nome para designar o centro decisivo e o núcleo de toda a filosofia”.⁴⁸ Essa filosofia que se desenhou no Ocidente e que resultou na época da técnica e da ciência, através do

⁴⁷ Ibidem. p. 12.

⁴⁸ Ibidem. p. 47.

seu olhar dominado pela razão medida, calculativa, e pela imposição de uma racionalidade “que não soube manter-se ao nível da transcendência constitutiva do *Dasein*, ao colocar o ser no mesmo plano do ente”⁴⁹ conforme observa Gianni Vattimo lendo Heidegger, sobressaiu-se tendo como forte elemento o seu caráter “multívoco” (aqui lembramos dos diversos modos de explicação da quiddidade ou essência) e se tornou a antecipadora das ciências particulares.

Porém, o “apelo” de que nos fala Heidegger é o apelo do Ser, que é convocado pela própria origem grega e tem por finalidade fazer-nos habitar novamente nessa distante origem, onde a terra natal nos é devolvida, tendo a língua grega como a sua única portadora originária. Aqui os ecos deste apelo são lançados à tradição clássica que se concretizaria pela volta ao pensamento originário helênico.

Ouçamos o que diz o próprio Heidegger:

... a metafísica é uma fatalidade porque, como traço fundamental da história do Pensamento europeu, a humanidade vê-se fadada a assegurar-se no ente. E a nele segurar-se sem que, em momento algum, a metafísica faça a experiência do ser dos entes como a *dobra* de ambos, podendo então questioná-lo em sua verdade.⁵⁰

As palavras acima denunciam o distanciamento da metafísica com relação à realidade do ser.

O ser não é somente um conceito absoluto e definitivo como queriam Platão e Aristóteles, estendendo-se a toda a tradição filosófica responsável pela sistematização do saber. Por isso, ao invés de se

⁴⁹ VATTIMO, Gianni. *Introdução à Heidegger*. p. 63. Julgamos ser importante fazer um esclarecimento acerca do *Dasein*, apesar de o mesmo não ser a preocupação substancial de Heidegger em *Que é isto – a filosofia?*, conferência por nós examinada neste trabalho. No *Dasein*, um dos temas centrais de *Ser e tempo* compreende-se a questão imediata do homem, *Sein* (ser) *da* (aí), o ente aberto ao ser. *Dasein* ou ser-aí deve ser entendido como o homem enquanto *in-der-welt-sein* (ser-no-mundo), sempre posto em jogo, nunca coisa acabada, mas o único existente capaz de compreender o ser do homem, ou seja, a si mesmo.

⁵⁰ HEIDEGGER, Martin. Superação da metafísica. In: *Ensaio e conferências*. p. 67.

perguntar o que é o ser, convém colocar a questão do sentido do ser e a sua experiência temporal, conforme Heidegger já assinalara em *Ser e tempo*.

Esta observação vem reforçar o entendimento de que Heidegger não cultivava o interesse de criar um sistema filosófico. Ao contrário, tornou-se crítico dos vários sistemas existentes que sempre conceberam o ser desprovidos de qualquer discussão acerca do seu engajamento no mundo. Por isso, insiste na tese de que esses sistemas jamais forneceram elementos seguros para a viabilização de uma compreensão profunda do ser.

O que podemos notar na trajetória filosófica de Heidegger é o processo de problematização que, através de um olhar criterioso, não encontra na história da metafísica tradicional nenhuma resposta que satisfaça às suas indagações. E, sendo assim, se vê guiado por um modo de pensar regressivo que o conduz ao pensamento originário presente na formulação dos pré-socráticos – longe de se situar enquanto sistema – conforme mencionamos.

Na conferência *Que é isto – a filosofia?* Heidegger não se ocupa de discutir o problema imediato da existência humana que se encontra presente em *Ser e tempo*, mas aborda questões relacionadas diretamente ao próprio ser. Aqui Heidegger não considera mais o homem como ponto de partida para o Ser, mas sim, o Ser torna-se a abertura para a possível compreensão da existência humana. Evidentemente, no horizonte da meditação heideggeriana, a palavra “ser” carrega em si uma certa ambigüidade.

Entende-se por “ser” o modo de ser do ente, ou seja, o ente é e aquilo pelo que ele é o que é. Por sua vez, “Ser” (com letra maiúscula) significa o fundamento de possibilidade em virtude do qual o ente se essencializa em seu ser (ser no primeiro sentido), é a energia que faz com que o ente seja o que o ente é. Tudo o que “é” é o ente. Assim podemos

dizer que o homem, as coisas, os acontecimentos, são todos entes e possuem um significado para a existência.

Não há dúvida de que ao se fazer a pergunta *Que é isto – a filosofia?* Heidegger estaria apontando para a questão da diferença ontológica, e assim torna-se evidente que somente na correspondência ao ser do ente o homem pode filosofar, e isto é, saber, de fato, o que é a filosofia.

A diferença ontológica consiste no fato de significar que o ser não é o ente, logo, ele não pode ser pensado do mesmo modo que pensamos os entes. A metafísica nunca pensou na diferença entre ser e ente, acabando por pensar o ser como se ele fosse um ente possível.

Neste sentido, podemos dizer que a metafísica encontra-se associada à identidade, e a ontologia à diferença.

Heidegger introduz a sua preleção *Que é metafísica? (Was ist metaphysik?)*, surgida originalmente em 1929 (portanto, ainda em sua fase anterior à busca de superação dos postulados metafísicos), afirmando que não falará sobre a metafísica, mas discutirá o assunto a partir de uma determinada questão metafísica. Ao debruçar-se em torno dessa questão, o nosso filósofo diz o seguinte:

O nome “metafísica” vem do grego: *tà metà physiká*. Esta surpreendente expressão foi mais tarde interpretada como caracterização da interrogação que vai *metà* – trans ‘além’ do ente enquanto tal. Metafísica é o perguntar além do ente para recuperá-lo, enquanto tal e em sua totalidade, para a compreensão.⁵¹

Desta forma, esta definição, dentre outras mencionadas por Heidegger, não possui nenhuma relação com o seu significado primeiro, empregado por Andrônico de Rodes, por volta do ano 50 a.C., ao recolher

⁵¹ HEIDEGGER, Martin. *Que é metafísica?* p. 43.

e classificar as obras de Aristóteles que, durante muitos séculos, haviam ficado dispersas.⁵² Na referida preleção, ainda discute Heidegger:

Na medida em que o homem existe, acontece, de certa maneira, o filosofar. Filosofia – o que nós assim designamos – é apenas o pôr em marcha a metafísica, na qual a filosofia toma consciência de si e conquista seus temas expressos. A filosofia somente se põe em movimento por um peculiar salto da própria existência nas possibilidades fundamentais do ser-aí, em sua totalidade.⁵³

No posfácio de 1943 e na introdução de 1949 a esta obra, Heidegger assinala para o fato de que a pergunta “Que é metafísica?” nasce de um pensamento que já penetrou na superação da metafísica. Ele afirma que o pensamento tentado em *Ser e tempo* põe-se em marcha para preparar, de certa forma, essa superação. Assim estamos diante de um tratado que tem como horizonte para a compreensão do sentido do ser a questão da “ontologia fundamental”, pois Heidegger entende ser a ontologia a fundamentação da metafísica, apesar de tratar-se de um título tardio, cunhado somente no século XVII pelo filósofo alemão Jacobus Thomasius (1622-1684). A palavra “ontologia” deriva do particípio presente do verbo *einai* (ser), isto é, de *on* (ente) e *onta* (entes), dos quais vem o substantivo *to on*, ou seja, o Ser.⁵⁴ E foi com esta palavra que Thomasius designou a elaboração da doutrina tradicional do ente que, para Platão e Aristóteles constituía uma questão, embora já não mais originária.

⁵² Consta que Andrônico de Rodes, como organizador dos textos aristotélicos, atribuiu ao conjunto de escritos que, em sua classificação, localizavam-se após os tratados sobre a física ou sobre a natureza, o nome *meta ta physika*, sendo que a palavra grega *meta* quer dizer “depois de”, “após”, “acima de”.

⁵³ *Ibidem*. p. 44.

⁵⁴ Convém lembrar que Heidegger faz uma importante distinção entre “ôntico” e “ontológico” a fim de assegurar uma real compreensão da ontologia. Segundo ele, o “ôntico” se refere à estrutura e à essência própria de um ente, o que ele é em si mesmo, sua identidade, sua diferença e suas relações em face de outros entes, enfim, sua existência própria, enquanto que o “ontológico” encontra-se relacionado ao estudo dos entes e, sendo assim, à investigação das próprias modalidades ônticas. Para tanto, Heidegger entende que a ontologia só é possível como fenomenologia.

A Grécia, em sua origem, é a “pátria” fundante do ser, não no sentido de haver aí uma implicação em termos de nacionalidade, mas o que se encontra em questão é o seu caráter ontológico-historial. Trata-se do momento em que o homem esteve muito mais próximo do Ser.

Heidegger afirma que a sua preocupação é ir ao encontro com o que ele chama de “essência da filosofia”, o que, de fato, ela é.

Porém, ao perguntar *Que é isto – a filosofia?* temos assim a clareza de que não se trata de “uma espécie de conhecimento que se coloca a si mesmo (filosofia da filosofia)”⁵⁵, nem muito menos de uma abordagem limitada a uma concepção histórica, ou seja, caracterizada tão-somente pelo simples interesse em “resolver como começou e se desenvolveu aquilo que se chama filosofia”.⁵⁶

3.2. Sentido historial e destino

Para Heidegger, não basta o fato de saber que a filosofia nasceu na Grécia e dali se projetou para outros lugares e outras experiências. Não se trata apenas de atribuir ao seu caráter histórico toda a importância sem se dar conta de que a questão que deve ser levantada (ou seja, o que é a filosofia) diz respeito sobremaneira a um sentido historial. Ela é carregada de historicidade, pois carrega em si *um destino: o nosso*; e não é “uma”, mas “a” questão historial da *nossa existência ocidental-européia*.⁵⁷

História e historicidade são dois temas tratados por Heidegger, inicialmente nas polêmicas páginas de *Ser e tempo*. A complexidade desses temas, presente no quinto capítulo da 2ª seção, é bastante

⁵⁵ HEIDEGGER, Martin. *Que é isto – a filosofia?* p. 16.

⁵⁶ Ibidem.

⁵⁷ Cf. *Que é isto – a filosofia?* p. 16.

acentuada. Heidegger alude a uma distinção categórica entre esses dois termos.

A língua alemã possui duas palavras para designar “história”, *Geschichte* e *Historie*, sendo que ele concebe esta última como o estudo sistemático de acontecimentos passados, o que também é entendido como “historiografia”. Por sua vez, *Geschichte* é compreendido por Heidegger como a história que acontece, o acontecer, ou seja, a própria historicidade do *Dasein*.⁵⁸ Sendo assim, o adjetivo *historisch* encontra-se relacionado ao estudo de acontecimentos passados, enquanto *geschichtlich* e *Geschichtlichkeit* (historicidade) pertencem ao que acontece. É comum Heidegger se referir a *Historie* e *historisch* fazendo uso de uma certa depreciação.

Não é na ciência historiográfica que se deve buscar a história. Mesmo que o modo científico e teórico de tratar o problema da “história” não vise apenas a um esclarecimento “epistemológico” (*Simmel*) da apreensão histórica, nem a uma lógica da construção conceitual da exposição teórica (*Ricket*), mas também se oriente pelo “lado do objeto”, mesmo assim, nesse tipo de questionamento, a história só se faz acessível, em princípio, como objeto de uma *ciência*. Com isso, deixa-se de lado o fenômeno fundamental da história, o qual está à base e precede toda possível tematização historiográfica. É somente a partir do modo de ser da história, a historicidade, e de seu enraizamento na temporalidade que se poderá concluir de que maneira a história pode se tornar objeto possível da historiografia.⁵⁹

Através desta visada heideggeriana chegamos à conclusão de que mesmo havendo eras desprovidas de historiografia, não significa que por esta razão deixariam de ser históricas. Antes, o *Dasein* é acontecimento, “historização”, ou seja, a maneira própria pela qual ele se estende entre o seu nascimento e a sua morte e isto não quer dizer que o mesmo sempre

⁵⁸ Já mencionamos acerca do sentido e do significado de *Dasein* em nota anterior.

⁵⁹ HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. p. 180.

será objeto imediato da historiografia. O *Dasein* acontece independentemente daquilo que o estudo sistemático registra sobre ele.

Heidegger trata, no contexto da sua ontologia existencial, de nos apresentar o método fenomenológico apreendido do seu mestre Edmund Husserl - e não o método científico - como revelador dos modos de ser do homem. Entende ele que o saber mais profundo é matéria do *phainesthai* (do grego: “mostrar-se” ou “estar à luz”), palavra da qual “fenomenologia”, como método, é derivada. Trata-se do *tá ontá*, ou seja, do próprio ente, aquilo que se mostra a partir de si mesmo e de diversos modos, aquilo que vem à luz. E, sendo assim ele tal qual ele é, desprovido de qualquer ciência historiográfica ou de qualquer metafísica.

Enquanto Husserl apresenta o método fenomenológico como uma descrição do fenômeno observado e ainda permeado de mitos platônicos, Heidegger o concebe como uma interpretação do que se mostra, ou seja, daquilo que aparece, aproximando-o de uma hermenêutica que procura interpretar o sentido do ser-do-ente.

Conforme já mencionamos, a pergunta pela filosofia encontra-se carregada de historicidade, pois carrega em si *um destino: o nosso*. Mas, afinal, que destino é este? O destino, para Heidegger, é a de-cisão autêntica do homem de voltar sobre si mesmo e de legar para si o recolher por si a herança das possibilidades passadas.

Trata-se do “acontecer originário da pre-sença, que reside na de-cisão própria, onde ela, livre para a morte, se transmite a si mesma numa possibilidade herdada”.⁶⁰ Daí o entendimento de que “se, porém, o destino constitui a historicidade originária da pre-sença, então a história não tem peso essencial nem no passado, nem no hoje e nem em seu ‘nexo’ com o passado, mas sim no acontecer próprio da existência, que surge do *porvir* da pre-sença”.⁶¹

⁶⁰ Ibidem. p. 189-190.

⁶¹ Ibidem. p. 192.

O que se nota nestas constatações é que Heidegger traz para o debate filosófico uma questão que tem sua raiz no próprio *Dasein* e se constitui pela situação do *Dasein*.

O que está em jogo é o modo de existência que corresponde a um sentido estritamente ontológico e por isso mesmo capaz de mostrar o “recolhimento” como herança das possibilidades passadas pertinentes à história do ser.

Saindo da esfera de *Ser e tempo*, encontramos em obras e conferências posteriores outras recorrências reflexivas a respeito do tema em questão. Ao mencionar acerca do diálogo com a tradição - o que implica observar que se trata do nosso legado - Heidegger afirma que este diálogo se estabelece com o que foi e continua sendo. Porém, o nosso filósofo nos alerta:

A questão aqui levantada sobre a relação entre os pensadores originários e o início da “metafísica” posterior não é, para nós, uma pergunta historiográfica, no sentido de buscar estabelecer comparações entre posições passadas do pensamento. Se os pensadores originários já anteciparam todo o pensamento posterior, inclusive o pensamento de hoje, então o que vem à luz em seu pensamento é aquilo que se acha antes de nós e se nos advém como envio destinal – como história.⁶²

O “envio” a que Heidegger se refere se funda no destino. O pensamento originário só pode ser encontrado se considerarmos o modo desse envio, acompanhado da antecipação e da experiência da destinação histórica. Isto implica que para chegar ao passado grego, ao que ficou atrás, faz-se necessário não somente contar regressivamente, historiograficamente ou comparativamente.

O que ocorre é um passado que se presentifica e nos põe diante da realidade grega. Não há dúvida de que os pensadores originários (ou seja,

⁶² HEIDEGGER, Martin. *Heráclito*. p. 93.

os pré-socráticos) assim chamados por Heidegger, não pensavam como Platão e Aristóteles, sendo que a metafísica impregnada no Ocidente por esses filósofos acabou se configurando como uma deformação destinal do pensamento originário.

Paradoxalmente, somos herdeiros do pensamento grego e, ao mesmo tempo, promovemos a nossa ruptura com essa tradição, pois hoje qualquer investigação se insere necessariamente na época da técnica e da ciência⁶³.

Em *A questão da técnica (Die frage nach der technik)*, aula de 1953, originalmente publicada em 1954, Heidegger nos chama a atenção para fato de que o início das ciências modernas da natureza, analisado a partir da cronologia historiográfica, deu-se no século XVII, sendo que a técnica das máquinas teve o seu desenvolvimento somente na segunda metade do século XVIII⁶⁴.

Esses dois séculos, portanto, caracterizam-se como “envio de um destino” e, de certa forma, contribuem para acentuar ainda mais a nossa “apatridade” com relação àquilo que se fez na Grécia, uma vez que o cristianismo foi o primeiro a promover esse distanciamento das raízes gregas. “O curioso é que aquilo que não passa de consequência de um fundamento e somente pode ser sua consequência, a ‘ciência’, passa a imperar sobre o fundamento, isto é, sobre a filosofia, invertendo a relação entre fundamento e consequência”.⁶⁵

No entanto, é para a tradição historial, nomeada pela palavra grega *philosophía*, que precisamos direcionar as nossas reflexões e voltar o nosso olhar. Pois somente este pensamento caracterizado pela experiência pré-socrática, é fundamento. Assim Heidegger nos esclarece:

⁶³ Em *Que é isto – a filosofia?* Heidegger ressalta que “a ciência nunca existiria se a filosofia não a tivesse precedido e antecipado.” p. 15.

⁶⁴ Cf. HEIDEGGER, Martin. *A questão da técnica*. In.: *Ensaio e conferências*. p. 25.

⁶⁵ HEIDEGGER, Martin. *Heráclito*. p. 239.

A palavra grega *philosophía* remonta à palavra *philósophos*. Originalmente esta palavra é um adjetivo como *philárgyros*, o que ama a prata, como *philótimos*, o que ama a honra. A palavra *philósophos* foi presumivelmente criada por Heráclito. Isto quer dizer que para Heráclito ainda não existe a *philosophía*. Um *anér philósophos* não é um homem “filosófico”. O adjetivo grego *philósophos* significa algo absolutamente diferente que os adjetivos *filosófico*, *philosophique*. Um *anér philósophos* é aquele, *hòs philei tò sophón*; *philen*, que ama a *sóphon*, *philein* significa aqui, no sentido de Heráclito: *homologeín*, falar assim como o *Logos* fala, quer dizer corresponder ao *Logos*.⁶⁶

Anteriormente, já nos dedicamos a elucidar a partir da obra *Heráclito*, de Heidegger, o sentido do *Logos*, o que faz com que agora tenhamos uma fácil compreensão do que o nosso filósofo nos fala. Ele explica que, de acordo com Heráclito, *tò sophón* significa *Hèn Pánta*, ou seja, “Um (é) Tudo”. Desta forma, o significado de “Tudo” aponta para *Pánta tà ónta*, o que corresponde à totalidade, o todo do ente. Por sua vez, o *Hén*, definido como “Um” designa aquilo que é único, o que tudo une. O *sóphon*, então, significa, todo ente é no ser, o ser é o ente, e o ser recolhe o ente porque é o ente. O ser é o recolhimento e, por conseguinte, o próprio *Logos*.

A filosofia circunscrita pela razão ordenadora que busca a determinação do ser no âmbito dos entes, colocada pelo modo de filosofar platônico-aristotélico, responsável por determinar a derivação da lógica pela metafísica, acabou fornecendo elementos - ao longo da sua história - para o campo das diversas ciências que hoje se encontram no seio das concepções modernas.

Desta forma, através da conferência *Que é isto – a filosofia?* e outros textos-caminhos, Heidegger parece propor fazer um acerto de contas com a Modernidade.

⁶⁶ HEIDEGGER, Martin. *Que é isto – a filosofia?* p. 17.

A meditação heideggeriana presente em *Que é isto - a filosofia?* nos deixa claro que faz-se necessário antes considerar o destino essencial da filosofia e muito menos as suas questões históricas. Nesta conferência, Heidegger afirma que é impossível encontrar uma resposta unívoca à pergunta acerca da dis-posição no pensamento atual quando se trata da escuta da voz do ser. Segundo ele, tal dis-posição permanece oculta para nós e, sendo assim, fica evidente que o pensamento atual ainda não nos apresenta o seu caminho de modo claro, mesmo que, possivelmente, impere uma dis-posição afetiva fundamental.

Segundo a concepção heideggeriana, a atualidade encontra-se marcada por dis-posições do pensamento que nos são apresentadas de diversas maneiras. Este fato provoca uma mistura de sentimentos, pois “dúvida e desespero de um lado e cega possessão por princípios, não submetidos a exames, se confrontam”⁶⁷.

Heidegger salienta que há um equívoco quando concebemos - de acordo com a idéia que reina constantemente e em inúmeras partes - o pensamento calculativo, circunscrito pelos pressupostos lógicos, como algo desprovido de qualquer dis-posição. Ao contrário, tal pensamento não se encontra livre de dis-posição, mas depende intrinsecamente dela. A frieza do cálculo, de acordo com o nosso filósofo, está relacionada diretamente com um tipo de dis-posição. Desta forma, ele nos diz: “mesmo a razão que se mantém livre de toda influência das paixões é, enquanto razão, pre-dis-posta para a confiança na evidência lógico-matemática de seus princípios e regras.”⁶⁸

Ao chamar a atenção para a escuta da voz do ser, Heidegger faz-nos deparar com a compreensão de que filosofar é corresponder ao apelo do ser do ente. Assim concebida a partir da sua origem grega, a filosofia é esse corresponder, pois fala na medida dessa correspondência que fora previamente dis-posta a ela pelo *páthos* do espanto (*thaumázein*)

⁶⁷ Ibidem. p. 39.

⁶⁸ Ibidem. p. 39.

mencionado por Platão e Aristóteles, conforme vimos anteriormente. Isto nos garante perceber que a “referência à essencial dis-posição da correspondência não é uma invenção apenas de nossos dias.”⁶⁹

Em *Que é isto – a filosofia?* Heidegger nos esclarece:

“Corresponder” significa então: ser dis-posto, *être dis-posé*, a saber, a partir do ser do ente. *Dis-posé* significa aqui literalmente: ex-posto, iluminado e com isto entregue ao serviço daquilo que é. O ente enquanto tal dis-põe de tal maneira o falar que o dizer se harmoniza (*accorder*) como ser do ente.⁷⁰

Assim constatamos que a filosofia seria um modo privilegiado do dizer. O co-responder a que nos referimos é um falar e encontra-se a serviço da linguagem, porém Heidegger nos adverte que devido a um estranho processo de transformações pelo qual passou a linguagem, o que isto significa é de difícil compreensão para nós hoje.

⁶⁹ Ibidem. p. 37.

⁷⁰ Ibidem. p. 36.